

AS MULHERES NO FUTEBOL SOB A PERSPECTIVA DO LAZER: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS NAS REVISTAS LICERE E RBEL

Recebido em: 05/06/2025

Aprovado em: 10/11/2025

Licença: 

Larissa da Silva Mourão¹

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Macapá – AP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8529-1342>

Gustavo Maneschy Montenegro²

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Castanhal – PA – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0807-6280>

RESUMO: Esta pesquisa discute o campo científico dos Estudos do Lazer no Brasil. Para tanto, objetivou mapear a produção de conhecimentos sobre a participação das mulheres no futebol em contexto de lazer. Foram analisadas publicações disponíveis na revista Licere e na Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Ao todo, foram identificados oito trabalhos, os quais foram organizados em categorias, por afinidade temática, que são: Lazer, sociabilidade e futebol feminino; Lazer, história e mulheres no futebol; Lazer, políticas públicas e mulheres como torcedoras de futebol; Gênero/temática LGBTQIA+. A maior incidência de produções situa-se no eixo lazer, história e mulheres no futebol, com quatro artigos. Concluiu-se que o futebol pode ser uma prática que diversifica as experiências corporais e de lazer das mulheres, possibilitando o acesso aos espaços públicos e fortalecimento de sociabilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol Feminino. Lazer. Produção de Conhecimento.

WOMEN IN FOOTBALL FROM THE LEISURE PERSPECTIVE: A STUDY ON THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN LICERE AND RBEL MAGAZINES

ABSTRACT: This research discusses the scientific field of Leisure Studies in Brazil. Its main objective was to map the production of knowledge about women's participation in football within a leisure context. Publications available in the journals Licere and the Brazilian Journal of Leisure Studies were analyzed. In total, eight works were identified, which were organized into categories based on thematic affinity: Leisure,

¹ Graduanda em Educação Física (UNIFAP). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer – NEPEFEL/UNIFAP.

² Doutor em Estudos do Lazer (UFMG). Docente da Universidade Federal do Pará (Campus Universitário de Castanhal CUNCAST/UFPA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Em História, Contextos e Práticas Educacionais e Corporais Na Amazônia / CUHÍRA/UFPA.

Sociability, and Women's Football; Leisure, History, and Women in Football; Leisure, Public Policies, and Women as Football Fans; Gender/LGBTQIA+ Themes. The highest occurrence of publications is in the axis of Leisure, History, and Women in Football, with four articles. It was concluded that football can be a practice that diversifies women's bodily and leisure experiences, enabling access to public spaces and strengthening social interactions.

KEYWORDS: Women's Football. Women in football. Leisure. Fans. Players.

Introdução

O Brasil é conhecido popularmente como o “país do futebol”, sendo esta uma das características mais marcantes da cultura brasileira. No entanto, a prática futebolística no país foi construída cercada de muitos conflitos e exclusões, principalmente nas questões sociais, raciais e de gênero. Sua massificação, entre as classes mais baixas, teve início entre o final do século XIX e o início do século XX, enquanto isso, as mulheres, ao tentarem percorrer o mesmo caminho, enfrentaram intensas restrições e até proibições. Em contrapartida, a prática do futebol masculino foi ganhando mais espaço (Goellner, 2021).

Diante disso, entre as décadas de 1930 e 1940, tomou força um discurso biologicista, apoiando-se nos pensamentos de que o futebol era contra a “natureza feminina”, além de “comprometer as funções reprodutivas” da mulher (Franzini, 2005). Para Goellner (2021), por trás deste tipo de pensamento, encontrava-se um incômodo social, que era o de se enxergar a mulher ocupando espaços que não eram tidos como seu pelo patriarcado, como os campos de futebol.

Desta forma, em 1941, por meio do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, assinado pelo presidente Getúlio Vargas, foi proibida a prática futebolística para mulheres, alegando ser um esporte “violento” e “masculino”, e assim, tal proibição visava “proteger” a capacidade das mulheres de serem mães. Essa proibição no Brasil

perdurou por quase 40 anos, até ser revogada em 1979. Contudo, apenas em 1983, a modalidade foi regulamentada no país, permitindo a prática das mulheres nas escolas e participação em torneios (Silva, 2022).

Nessa perspectiva, é necessário debater a presença das mulheres no futebol, sobretudo dentro dos espaços de lazer, pois ainda se percebe como essa vivência continua cercada de obstáculos. Dessa forma, Araújo e Brito (2019, p.82) afirmam que o futebol “como prática cultural, não se limita às linhas do campo de jogo e constitui em importante elemento de (con)vivência de lazer de muitos brasileiros”, ou seja, o esporte e o lazer estão presentes na vida das pessoas como momentos de relaxamento, diversão, tensão, entretenimento e de socialização.

Kessler (2020, p.53) ressalta a importância de entender os diversos interesses nesses espaços, pois segundo a autora, muitas mulheres enxergam no futebol, uma possibilidade de construir uma carreira, assim como, outras o compreendem como um momento de lazer, ou seja, um contexto de “diversão/passatempo (um espaço para brincar e se divertir, mesmo que dentro de certos níveis de competitividade) ou um espaço para sociabilizar.”

Nesse sentido, compreende-se que a prática do futebol, no contexto do lazer, pode promover interações sociais, ampliar os laços de convívio e gerar debates questionadores sobre as desigualdades de gênero. Kessler (2020, p.54) afirma que é nos espaços de lazer que algumas mulheres se expressam de maneira mais livre e o “futebol pode ser entendido como espaço de expressão contra-hegemônica, com diminuição dos impactos da espetacularização e da feminilidade tradicional.”. Dessa maneira, criam-se formas de sociabilidade e diálogos entre diferentes grupos culturais, favorecendo

aproximações e desconstruções sociais ligadas à imagem de fragilidade feminina e virilidade masculina no futebol.

Considera-se que discutir o futebol no contexto do lazer das mulheres ganha relevância, pois como comenta Bonalume e Isayama (2020), as atividades de lazer são frequentemente condicionadas por normas de gênero, que ditam o que é considerado apropriado ou aceitável para elas. Ainda é comum encontrarmos menor participação feminina em certos tipos de lazer, como esportes e atividades ao ar livre, ainda que a mudança neste cenário seja lenta.

Nesta direção, as mulheres, mais do que os homens, têm as suas práticas de lazer mais restritas ao espaço doméstico, na companhia de filhos e/ou familiares, bem como atividades consideradas “femininas”, como artesanato, cuidados pessoais com a beleza ou dança (Bonalume; Isayama, 2020). O lazer desempenha um papel fundamental na vida das mulheres, proporcionando não apenas um espaço de descanso e descontração, mas também oportunidades de empoderamento e fortalecimento social, como destacam Cavalcanti *et al.* (2018).

Diante desta problematização, esta pesquisa discute o campo científico dos Estudos do Lazer no Brasil³. Desta forma, objetivou-se mapear a produção de conhecimentos sobre a participação das mulheres no futebol em contexto de lazer. Para tanto, foram analisadas as publicações contidas na Revista Licere (vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - PPGIEL/UFMG) e

³ Os Estudos do Lazer no Brasil se caracterizam como uma área investigativa e de atuação profissional interdisciplinar, na qual contribuem diferentes disciplinas, como Educação Física, Turismo, Sociologia, Terapia Ocupacional e outras. Na atualidade, destacam-se alguns espaços de formação, tais como A Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL); O Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG); A Revista Licere (vinculada ao PPGIEL/UFMG) e a Revista Brasileira de Estudos do Lazer (vinculada a ANPEL); eventos científicos, como o Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer e o Colóquio Interdisciplinar em Estudos do Lazer.

a Revista Brasileira de Estudos do Lazer- RBEL (vinculada a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer - ANPEL).

Assim, este estudo possui relevância social e acadêmica. A primeira encontra-se ao abordar as relações entre esporte, gênero e sociedade, especialmente a partir do viés do futebol feminino, sob a perspectiva do lazer. A relevância acadêmica se faz presente ao ressaltar as temáticas e discussões que vêm sendo tratados sobre este assunto, o que pode subsidiar novas investigações, intervenções pedagógicas e a implementação de políticas públicas de esporte e lazer para a sociedade, e em especial, para as mulheres.

Metodologia

O presente estudo adota uma abordagem quantitativa e qualitativa. Para Flick (2004), os tratamentos qualitativos e quantitativos dos resultados podem ser utilizados de forma complementar. Ainda segundo o autor, os estudos quantitativos podem gerar questões as quais podem ser aprofundadas de forma qualitativa. Vale ressaltar que, nesse contexto, a pesquisa qualitativa e a quantitativa não são vistas como antagônicas e, sim, como complementares, oportunizando entender e conhecer melhor o fenômeno investigado.

A convergência da abordagem qualitativa e quantitativa possibilita ainda mais credibilidade aos resultados, em razão de que, além de apresentar um vasto embasamento teórico descritivo, os dados estatísticos irão validar as observações, ao mesmo tempo em que fundamentam o conhecimento científico e as informações adquiridas. Portanto, partindo desses princípios, optou-se por utilizar nesta pesquisa a abordagem quali-quantitativa, pois amplia as possibilidades de análise.

Para a realização deste trabalho, adotou-se o tipo de pesquisa bibliográfica, que segundo Bauer e Gaskell (2002), é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, a fim de conhecer, analisar e fundamentar o tema/problema da pesquisa a ser realizada. Esta pesquisa usou exclusivamente como fontes bibliográficas e recorte do alcance da investigação, as publicações de artigos científicos contidos na Revista Licere e na RBEL⁴.

A escolha destas revistas ocorreu em função de que se tratam dos dois periódicos de publicação específica em Estudos do Lazer no Brasil, o que confere às mesmas um protagonismo na área, além da socialização de trabalhos de alta qualidade. As revistas se destacam por sua qualidade científica, abrangência temática e contribuição para o desenvolvimento deste campo acadêmico.

Para selecionar os artigos encontrados, utilizou-se as seguintes estratégias: primeiramente, foram lidos, diretamente do *site*, os sumários de todas as edições das revistas selecionadas. Incluímos as edições publicadas até dezembro de 2024; o segundo passo foi selecionar, a partir do título, trabalhos que abordavam diretamente o futebol feminino ou mulheres no futebol⁵. Desta forma, foram incluídos artigos com títulos no qual constam a presença de um ou mais dos seguintes descritores: “Futebol Feminino”; “Mulheres no futebol”; “torcedoras”; “jogadoras”; “Lazer”. No terceiro momento, alguns trabalhos que embora não apresentassem no título, a indicação de abordar diretamente mulheres e o futebol, também foram encontrados. Neste caso, eram lidos os resumos dos artigos a fim de identificar, se de fato, existia a intenção de pesquisar diretamente este tema.

⁴ A Revista Licere teve sua primeira edição publicada em 1998. Atualmente, mantém publicação trimestral. A RBEL teve sua primeira edição publicada em 2014, e mantém publicação quadrimestral.

⁵ Compreende-se que o futebol feminino é a prática da modalidade sendo realizada exclusivamente por mulheres. Já quando se refere a mulheres no futebol, compreende-se que esta inserção pode ocorrer em diversos âmbitos, desde jogadoras, como torcedoras, treinadoras, jornalistas esportivas...

A partir da aplicação destas estratégias de busca e dos critérios de inclusão, foram selecionados oito trabalhos, sendo sete artigos da revista *Licere* e um na RBEL. O ano de início das publicações foi em 2013, o qual contou com uma publicação na revista *Licere*.

Para o desenvolvimento e análise textual dos trabalhos encontrados, recorreu-se à Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Trata-se de um conjunto de técnicas de análises das comunicações com intuito de obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens, seja ele qualitativo ou quantitativo. De acordo com a autora, as etapas da Análise de Conteúdo são: pré-análise, que seria a fase de organização e leitura flutuante e a escolha dos documentos; exploração do material, que é a fase de análise propriamente dita e a última fase, que seria o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Seguindo as orientações de Bardin (2011), os artigos foram agrupados em categorias, com temáticas aproximadas, o que objetivou facilitar a análise do material encontrado.

Resultados

Para iniciar esta seção do artigo, apresenta-se um quadro com informações sobre os trabalhos selecionados.

Quadro 1: Artigos selecionados na *Licere* e RBEL

REVISTA	TÍTULO	AUTORIA	ANO DA PUBLICAÇÃO
LICERE	Das senhoras e senhorinhas nos “grounds” do Sport Bretão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920)	Georgino Jorge de Souza Neto, Priscila Augusta Ferreira Campos, Silvio Ricardo da Silva	2013
	Futebol, mulheres e interação social	Alexandre Jackson Chan-Vianna, Diego	2017

		Luz Moura	
	Da participação de mulheres no futebol em Barbacena/MG nas três primeiras décadas do século XX	Igor Maciel Silva; Maria Cristina Rosa	2020
	Exposição “Futebol feminino e suas nuances em tempos de copa”: interface entre memória e lazer	Nara Romero Montenegro; Maísa Ferreira	2021
	Torceres: pensando diferentes possibilidades de pertencimento clubístico	Marina de Mattos Dantas, Luiza Aguiar dos Anjos, Bárbara Gonçalves Mendes	2021
	Possibilidades de inserção de discussões sobre o lazer para as mulheres na agenda governamental a partir das punições aos clubes Athletico e Coritiba	Katiuscia Mello Figuerôa	2023
	Ruturas no lazer feminino em Portugal: o caso do futebol na união recreativa de cultura e desporto de Coima (1981- 1990)	Gonçalo Brito Graça	2024
RBEL	“São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro	Cláudia Samuel Kessler	2020

Fonte: Dados da pesquisa

Os trabalhos selecionados foram agrupados em categorias, por afinidade de temática, que são: 1) **Lazer, sociabilidade e futebol feminino** – estudo voltado para discutir as vivências das mulheres como praticantes de futebol, no contexto do lazer. Nesta categoria, foram inseridos o trabalho de Chan-Vianna e Moura (2017); 2) **Lazer, história e mulheres no futebol** – foram incluídos trabalhos em que o tema central é a participação de mulheres no futebol em épocas passadas, como foco nas construções históricas e nas memórias das participações de mulheres no futebol, sejam as experiências como participantes ou como jogadoras. Nesta categoria, foram inseridos os trabalhos de Souza Neto, Campos e Silva (2013), Silva e Rosa (2020); Montenegro e Ferreira (2021) e Graça (2024); 3) **Lazer, políticas públicas e mulheres como torcedoras de futebol** - Nesta categoria, foram incluídos dois trabalhos. O primeiro analisa as experiências femininas como torcedoras de futebol, e o segundo, discute

políticas públicas para facilitar o acesso de mulheres como torcedoras aos estádios de futebol. Sendo assim, tratam-se dos trabalhos de Dantas, Anjos e Mendes (2021) e Figuerôa (2023). **4) Gênero/temática LGBTQIA+** – estudo que analisa as questões de gênero, sobretudo com destaque para as práticas heteronormativas e a lesbofobia⁶ no futebol. Neste eixo, foi incluído o trabalho de Kessler (2020).

Lazer, Sociabilidade e Futebol Feminino

O trabalho de Chan-Vianna e Moura (2017) foi elaborado a respeito de praticantes de futebol no subúrbio do Rio de Janeiro e objetivou analisar as expressões de feminilidade, representações das jogadoras e as tensões provocadas pelas identidades sociais. Desse modo, o artigo inicia com uma explanação sobre a mulher praticante de futebol na primeira metade do século XX, destacando que este envolvimento não era bem visto socialmente à época.

Sendo assim, nas palavras de Chan-Vianna e Moura (2017, p.2) o futebol apresenta “restrições simbólicas originadas nas tradições masculinas” e as mulheres adeptas ao esporte são consideradas “desviante da norma” ou “masculina”, ou seja, percebe-se o conflito entre a ordem social tradicional e as representações sociais de feminilidade dentro da cultura esportiva do futebol.

A abordagem metodológica foi realizada por meio de um estudo etnográfico no período de 2007 a 2009, acompanhando um grupo de jovens adultas praticantes de futebol no Centro Esportivo Miécimo da Silva (CEMS), localizado no Rio de Janeiro. Esse trabalho de campo teve a intenção de analisar de perto um torneio de futebol,

⁶ É o medo ou rejeição (de forma objetiva ou subjetiva) que as mulheres vivenciem amor, afeto ou desejo sexual por outras mulheres. Inclui várias formas de negatividade em relação às mulheres lésbicas como indivíduos ou grupo social, ou os relacionamentos lésbicos.

“considerando as falas, expressões corporais e interações entre as pessoas” (Chan-Vianna; Moura, 2017, p.3). Os autores registraram fotos, filmagens, anotações e entrevistas para a coleta de dados que posteriormente foram analisadas para caracterizar os times e as ações individuais das praticantes, assim como, verificaram informações e permitiram reflexões das próprias jogadoras sobre o que foi observado.

O torneio foi composto por quatro equipes convidadas, sendo elas: a), a equipe “Meninas do CEMS”, com as quais “foi dado entrada no campo de pesquisa e acompanhadas como referência de comparação com os outros times” (Chan-Vianna; Moura, 2017, p.4); b) “Meninas do Dia”, o qual era composto, em parte, por antigas ex-jogadoras do CEMS, que devido a um conflito interno, resolveram fundar uma nova equipe; c) “Meninas de Preto”, equipe que realizou uma chegada impactante no torneio, ao desembarcarem de um carro todas com uniforme padrão; d) “Meninas da Noite”, time que possuía este nome pois algumas vinham direto de eventos de lazer da noite anterior, sem ter dormido e consumido bebidas alcoólicas.

Chan-Vianna e Moura (2017, p.7) perceberam relações de poder entre as praticantes, dada questões de classe social e de performance de feminilidade. Segundo os autores, durante o torneio, foi perceptível algumas “características e costumes particulares de cada time distinguiam os grupos existentes no mundo das praticantes de futebol do local.”. Os pesquisadores exemplificam que questões como vestimentas das jogadoras (uniformes mais largos ou não), a aparência física (cabelos curtos ou longos) e linguagem corporal foram ressaltados como pontos de diferenças entre elas, onde foi possível identificar falas do tipo: “diferente de nós” ou “as que têm menos condições”.

Diante disso, Chan-Vianna e Moura (2017) afirmam que as Meninas do CEMS buscavam se diferenciar daquelas que performavam masculinidade, as quais eram tidas

como “pobres” e “feias”. Desse modo, segundo os autores, estavam em jogo as performances individuais e coletivas, na tentativa de construir uma nova narrativa de si mesmas como mulheres e jogadoras de futebol, a partir das histórias de seus corpos e de suas vidas.

Lazer, História e Mulheres no Futebol

O eixo lazer, história e mulheres no futebol foi o que agregou maior quantidade de trabalhos. O primeiro a ser publicado foi a pesquisa ‘Das senhoras e senhorinhas nos “grounds” do Sport Bretão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920)’. Escrito por Souza Neto, Campos e Silva (2013). Esta pesquisa faz uma linha historiográfica sobre a construção da cidade de Belo Horizonte, como nova capital de Minas Gerais, juntamente com a presença das mulheres nos campos de futebol nas décadas iniciais do século XX.

A abordagem metodológica utilizou como fontes periódicos locais, jornais, revistas, fontes escritas e imagéticas entre outros documentos consultados para subsidiar a pesquisa. O recorte temporal do estudo iniciou-se do ano de 1904 (fundação do Sport Club Foot-Ball) e foi delimitado até o ano de 1920 (período de participação mais ativa das mulheres), permitindo a construção de uma base de fontes essencial à narrativa histórica.

Nesse contexto, as primeiras manifestações da presença do público feminino em jogos de futebol ocorrem na perspectiva de assistência, ou seja, “a mulher aparece como um elemento discreto, que dá brilho e orna a festa esportiva” (Souza Neto; Campos; Silva, 2013, p.4). Desse modo, a mulher tinha a “funcionalidade” de ornamentação do espetáculo esportivo, assim como a banda de música, ainda sem o sentido de

pertencimento clubístico. Essa imagem era reforçada pela imprensa da época, associando a presença da mulher, que tinha sua entrada “franqueada” para as partidas de futebol, como estratégia de atrair o público do sexo masculino e do feminino.

Porém, com a popularidade e rivalidade que o futebol ganhava, o comportamento da mulher passa a se modificar, tendo uma postura mais ativa e participativa, sendo percebido em periódicos esportivos da época, como descreve-se no periódico *O Foot-Ball*, na seção ‘Correspondência das Torcedoras’. Segundo os autores deste artigo, “o jornal dá o tom exato do quanto à inserção feminina no futebol havia se consolidado (e se modificado)”, retratando duas situações onde as ‘senhoras’ demonstram sentimentos de espírito esportivo ao torcer, rir, sofrer ou lamentar quando seu “*team*”⁷ perdia, demonstrando assim, seu amor pelo clube durante o “*match*”. (Souza Neto; Campos; Silva, 2013, p.6).

Diante desse cenário, Souza Neto, Campos e Silva (2013) ressaltam uma contradição nos discursos da imprensa, pois, ao mesmo tempo em que se noticiava a inserção e consolidação da mulher enquanto torcedora, que participava do evento futebolístico, por outro lado, reforçava-se também a imagem da mulher como figura atrativa para os jogadores e ornamentação nesse espaço masculino, ao serem tratadas por termos como “*bello sexo*”, “*formosas*”, “*graciosas*”. Além disso, os pesquisadores salientaram que esta participação das mulheres estava ligada ao universo familiar, pois as mesmas deveriam estar devidamente acompanhadas de uma figura masculina para assistir as partidas.

⁷ Nos primeiros anos da prática do futebol no Brasil, muitos termos em inglês eram usados, como: *match* (jogo); *scratch* (equipe); *players* (jogadores); *ground* (campo de jogo) e *team* (time), isso devia ao fato de que o futebol era um esporte novo que veio da Inglaterra.

Desse modo, embora as mulheres estivessem adentrando ao espaço público, “elas deveriam saber se comportar nesse local apresentando um ar de seriedade que impunha respeito” (Souza Neto; Campos; Silva, 2013, p.10). Por fim, observa-se que a presença feminina nos campos de futebol da capital mineira integra ao movimento da inserção do futebol, constituindo como elemento de assistência e torcida, mesmo que inicialmente de maneira decorativa e atrativa para o público, aos poucos foram assumindo de forma crescente um papel mais ativo como legítima torcedora. Isso contribuiu e fortaleceu, de forma progressiva, a popularização do futebol também entre as mulheres.

Nesta direção também se encontra a pesquisa de Silva e Rosa (2020). Os autores buscaram compreender as formas e os significados da participação das mulheres no futebol, na cidade de Barbacena – MG. A investigação foi realizada por meio de uma pesquisa documental, empreendida na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte, utilizando como fonte o jornal Cidade de Barbacena, que circulou durante o período de 1898 a 1993.

O estudo retrata o período em que muitas cidades brasileiras, como Barbacena, viviam um momento de reconfiguração urbana e reorganização de espaços públicos. Essas mudanças influenciaram o comportamento de pessoas, principalmente as mulheres, ao surgir a possibilidade de sair do ambiente doméstico e aproveitar novas formas de lazer dentro desses espaços públicos, como praticar esportes e jogos. Diante disso, “as mulheres participavam desses e de outros divertimentos de formas distintas, principalmente como assistentes, ou seja, na posição de espectadoras de encenações teatrais” (Silva; Rosa, 2020, p.115).

Diante desse contexto histórico, foram identificadas na cidade diversas ações relacionadas ao futebol, revelando uma mobilização das pessoas em torno dessa prática. Desse modo, é apontado no artigo o surgimento de sedes sociais dentro dos clubes de futebol da época, somada à oferta de outros divertimentos, como bailes de dança, ginástica, sala de jogos e biblioteca. Portanto, é afirmado na pesquisa que foi construindo-se uma rede de sociabilidade a partir do futebol.

Nessa época, as mulheres, por serem consideradas fisiologicamente “inaptas”, participaram “como assistentes-espectadoras e assistentes-torcedoras responsáveis pelo lance inicial de partidas, pela entrega de premiação à equipe vencedora e como madrinha de time” (Silva; Rosa, 2020, p.124). Dessa forma, a presença das mulheres no futebol barbacenense foi ganhando importância aos poucos, mesmo que ainda em caráter decorativo. Por outro lado, Silva e Rosa (2020) consideram que não se trata de uma participação inerte, pois ao torcer “enfurecidamente”, elas demonstram o tamanho do seu envolvimento, ou seja, não ficavam de forma estáticas durante as partidas.

A pesquisa de Montenegro e Ferreira (2021) discute uma exposição voltada sobre a história e a memória do futebol feminino. Esta exposição ocorreu na Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre o período de 29 de maio a 30 de julho de 2019, na qual contou, no evento de abertura, com a presença da ex-jogadora da seleção brasileira Aline Pellegrino⁸.

A iniciativa do planejamento dessa exibição surgiu após a exposição “Copa do Mundo” em 2018, na qual foi composta por elementos unicamente do futebol

⁸ Capitã da Seleção Feminina (2005 a 2011); Medalha de Prata nas Olimpíadas de Atenas (2004); Vice-Campeã Mundial na China (2007); Medalha de Ouro Jogos Pan-Americano do Rio de Janeiro (2007); Campeã Sul-Americana no Equador (2010); Atual Coordenadora de competições femininas da Confederação Brasileira de Futebol – CBF.

masculino. Diante disso, o Coletivo Feminista FEFEMANA⁹, alunas da Faculdade de Educação Física e em parceria com a Biblioteca da Faculdade de Educação Física da UNICAMP organizaram o evento. Nesta exposição, destacou-se jornais, revistas, leis, fotografias, além de objetos da cultura material, como medalhas, troféus, uniformes, dentre outros, a nível nacional e regional. Todas essas memórias da participação das mulheres na modalidade “teve como propósito divulgar e, consequentemente, provocar discussões a respeito da história do Futebol Feminino” (Montenegro; Ferreira, 2021, p.776).

O tema dessa exposição busca rememorar realidades sociais vividas, além de “explicitar algumas das raízes que explicam a desvalorização e preconceito que ainda reverberam em relação à modalidade.” (Montenegro; Ferreira, 2021, p.782). Um dos pontos importantes dessa exposição foi dedicar um trecho para as legislações da época que proibiam a prática do futebol pelas mulheres, como por exemplo, o Decreto Lei n. 3.199/41 de 1941 e a Deliberação de 1965¹⁰, assinada pelo presidente do Conselho Nacional de Desportos, anunciando os esportes proibidos para mulheres. Nesse sentido, o artigo evidencia que o futebol era praticado por mulheres anterior e posterior a essas proibições enfrentadas, sendo esse um “período de ausência de incentivo para o seu desenvolvido e, consequentemente, um apagamento de documentos.” (Montenegro; Ferreira, 2021, p.784).

Por outro lado, a exposição trouxe também perspectivas divergentes da imprensa antes e durante o período da proibição do futebol feminino, pois disputavam legitimidade diferentes discursos “que circulavam no período sobre ideias popularizadas

⁹ É um coletivo feminista criado por alunas da graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

¹⁰ Anunciava os esportes proibidos para mulheres, eram eles: lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby, halterofilismo e baseball (Brasil, 1965).

de feminilidade, do viés progressista ou conversador do jornal, do público-alvo a quem se destinava, enfim, uma série de fatores.” (Montenegro; Ferreira, 2021, p.786). Desse modo, após a revogação da proibição do futebol feminino em 1979, a imagem feminina passou a ser comercializada e imbuída de sexualidade pela mídia, ou seja, um novo “ideal de beleza”, desassociando-se do corpo atlético, musculoso e “masculinizado”. Sendo assim, o futebol feminino tendia a ser “um produto a ser consumido por homens interessados mais em mulheres do que propriamente em futebol.” (Montenegro; Ferreira, 2021, p.788).

A pesquisa de Graça (2024) identifica a adoção do futebol feminino pela União Recreativa de Cultura e Desporto de Coima¹¹, em Portugal. O autor analisa como o futebol entrou nas estratégias de implementação do direito ao lazer feminino em Portugal, além de realizar uma breve contextualização sobre a localidade¹² do clube estudado, ao indagar “como seria possível que um pequeno clube como a União de Coima, com menos de duzentos sócios na atualidade, e sem qualquer infraestrutura para os seus jogos semanais, estivesse na base da principal liga portuguesa?” (Graça, 2024, p.3).

Segundo Graça (2024), durante o período de 1980, aconteceram diversas iniciativas de práticas esportivas femininas em Portugal e o sucesso dessas modalidades abriu precedente na promoção de outras modalidades, a exemplo do futebol. Além disso, observa-se que a adesão da modalidade pelo União de Coima ocorre juntamente à “inclusão de duas jovens mulheres na direção da referida coletividade, rompendo com

¹¹ É uma coletividade de Coima, Setúbal, Portugal. Possui uma banda, um clube de futebol feminino e desenvolve atividades para dinamizar o público.

¹² Segundo Graça (2024) a localidade como Coima é ainda hoje uma pequena vila periférica portuguesa, parte de um município da Grande Lisboa (Barreiro).

uma presença exclusivamente masculina nos cargos de liderança, em 1980.” (Graça, 2024, p.9).

Desse modo, surgiu a primeira equipe feminina de futebol de salão, a qual disputou um campeonato fora de seu distrito e consagrou-se campeã. Esse êxito momentâneo, aumentou as possibilidades de jogar, transformando o futebol de salão em futebol de campo. Contudo, as circunstâncias financeiras, falta de estrutura e de reconhecimento, condicionaram “as moças a efetuarem distâncias constantes para treinar e/ou jogar noutros recintos desportivos nas imediações” (Graça, 2024, p.11).

Apesar desta dificuldade, a equipe recebeu convites para disputar torneios a nível nacional e internacional. O êxito nessas competições possibilitou uma “promoção do lazer pessoal das próprias jovens praticantes, e as experiências extraídas dos torneios realizados em várias zonas de Portugal moldaram sociabilidades e objetivos internos no clube.” (Graça, 2024, p.15). Contudo, a história do futebol feminino no União Coima acabou por desaparecer com “a súbita demissão da direção justificada com a saída de algumas jogadoras por descrédito na instituição.” (Graça, 2024, p.20).

Lazer, Políticas Públicas e Mulheres como Torcedoras de Futebol

Sobre esta temática, identificou-se dois trabalhos. O primeiro deles é a pesquisa feita por Dantas, Anjos e Mendes (2021). O texto analisa as formas de torcer e pertencimento clubístico na experiência das mulheres. Neste artigo, as autoras apresentam resultados de outras produções acadêmicas por elas próprias elaboradas: de torcidas organizadas (Mendes, 2015); mulheres casadas com jogadores de futebol (Dantas, 2017; 2019) e de uma torcedora travesti (Anjos, 2018).

No caso das participantes do trabalho de Dantas (2017; 2019), temos Luíze, Monique e Natália (**autorizado o uso dos nomes reais**), todas com relacionamentos de anos com jogadores, onde tiveram que passar por diversas mudanças para acompanhar a carreira do marido, como se mudar, trocar ou largar emprego e estudos. Já no trabalho de Mendes (2015), temos Fabiana, Fabíola, Fabrícia, Fernanda e Flávia (**nomes fictícios**), todas nascidas em Belo Horizonte, jovens mulheres que ingressaram nas torcidas organizadas há vários anos, além de participarem ativamente como integrantes de destaque ou na linha de frente da organização de torcidas. Já no trabalho de Anjos (2018), a interlocutora foi Marcelly Malta (**nome real autorizado**), nascida na Região Sul do Brasil em 1951 e travesti desde 1980, participante da torcida Coligay (time do Grêmio) e militante ativa dos direitos da comunidade trans.

Segundo Dantas, Anjos e Mendes (2021, p.506) as análises das experiências dessas torcedoras não demonstram a ausência da fidelidade clubística, imutabilidade ou exclusividade, “elementos comumente tratados como imprescindíveis e inerentes ao torcer legítimo e genuíno”. Porém, essas experiências como torcedoras apresentam diferenças: no primeiro caso, percebe-se que o vínculo conjugal cria possibilidade de várias filiações clubísticas; no segundo, identifica-se a busca pelo reconhecimento e legitimação do torcer ideal dentro das torcidas organizadas; e no terceiro, tem-se um torcer por lazer, um vínculo clubístico formado como divertimento.

Diante dos diferentes torceres apresentados nas pesquisas de Dantas, Anjos e Mendes (2021, p.491), percebe-se “um desconforto e uma pressuposição de que as torcedoras não são as pessoas mais aptas a falarem sobre futebol.” Desse modo, busca-se com frequência uma concessão a esse torcer feminino, ou seja, sua inserção está atrelada ao machismo.

A pesquisa de Figuerôa (2023) teve como objetivo identificar e descrever as principais possibilidades e discussões sobre lazer para as mulheres na agenda governamental, com base no caso das penalizações¹³ aos referidos clubes, a partir de três partidas de futebol com público formado apenas por mulheres e crianças, realizadas no início de 2023. A pesquisa teve caráter qualitativo e sua abordagem metodológica consiste em um estudo de caso de cunho exploratório e descritivo. Utilizou-se da pesquisa bibliográfica para a coleta de informações e de análise documental.

Desse modo, os times foram julgados pelo Tribunal de Justiça Desportiva do Paraná (TJD-PR). Inicialmente, a penalização seria três partidas com os “portões fechados”¹⁴, porém houve uma reversão parcial da pena, “permitindo o acesso de público exclusivamente feminino e mirim (crianças até 12 anos) às três partidas, mediante a doação de 1kg de alimento não perecível” (Figuerôa, 2023, p.168-169). Segundo a autora da pesquisa, a iniciativa teve forte adesão do público, que não só cresceu, como possibilitou que pessoas que nunca tinham ido a um estádio de futebol, finalmente, o frequentassem.

Todo esse contexto gerou grande repercussão nas mídias, sobretudo, pelo fato de que muitas mulheres e crianças não frequentam partidas de futebol com regularidade, em função do receio de violências. A partir desse caso, gerou-se ações para oportunizar lazer e sensação de segurança. Nesse sentido, Figuerôa (2023) destaca duas iniciativas políticas com grande repercussão referentes ao direito das mulheres como torcedoras de

¹³ Em 2022, o Club Athletico Paranaense (CAP) e o Coritiba Foot Ball Club (CFC), ambos com sede na cidade de Curitiba – Paraná (PR), foram punidos devido a episódios de violência protagonizados por suas torcidas durante o Campeonato Paranaense de Futebol.

¹⁴ Expressão utilizada quando a partida de futebol é realizada sem a presença de torcedores. Isso se trata de uma penalização muito comum no âmbito futebolístico, utilizada quando a torcida de alguma equipe realiza atos de violência física, ou emocional, por meio de xingamentos homofóbicos e racistas.

futebol. Primeiro, o Projeto de Lei 168/23¹⁵ de âmbito federal, que visa garantir às mulheres o direito ao pagamento de meia-entrada em jogos de futebol, e em seguida, um seminário promovido pela Câmara Municipal de Curitiba, o qual debateu a segurança das mulheres nos estádios da cidade, que resultou em uma Audiência Pública e em um Projeto de Lei (PL). (Figuerôa, 2023, p.170).

Gênero/Temática LGBTQIA+

Nesta temática foi situado o trabalho de Kessler (2020). Trata-se da reflexão e análise sobre pesquisas que abordam a temática da homofobia, em especial, da lesbofobia relacionada à prática de esporte e lazer. No primeiro momento, tem-se uma discussão histórica sobre mulheres, lesbianidade e heteronormatividade, na qual observa-se a expectativa social de que a mulher deve performar heterossexualidade, feminilidade e delicadeza.

O estudo de Kessler (2020) aborda dados etnográficos e bibliográficos revelados em pesquisas brasileiras, as quais abordaram o tema da lesbianidade no futebol/futsal, relacionado em manifestações de esporte e lazer. A autora inicia o trabalho por meio de uma reflexão histórica, afirmando que práticas homoafetivas eram tidas como patológicas. Sobre a questão lésbica, destaca que o movimento da contracultura¹⁶, no final dos anos 1960, foi importante para o direito das mulheres, inclusive, para maior liberdade sexual. Informa também que em 1990, a "homossexualidade" foi retirada do Catálogo Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS).

¹⁵ Assegura às mulheres o direito ao pagamento de meia-entrada em jogos de futebol em que são cobradas taxas de ingresso em todo território nacional. Situação: Aguardando Parecer do(a) Relator(a) na Comissão do Esporte (CESPO).

¹⁶ “O termo contracultura foi cunhado pela imprensa norte-americana dos anos 1960. Refere-se a manifestações culturais marginais, contestadoras, que floresciam nos Estados Unidos da América e em outros países, especialmente na Europa, representando formas não tradicionais de oposição.”

Kessler (2020, p.50) afirma que o futebol tem um pioneirismo quando se trata de “propiciar visibilidade a orientações sexuais não normativas, com exemplos esportivos de lésbicas e bissexuais auxiliando a quebrar tabus relacionados às sexualidades”. Segundo a autora, ainda é comum que jogadoras de futebol relutem em revelar sua orientação sexual e a maioria nunca teve filhos. Além disso, o não cumprimento das expectativas da sociedade, sobretudo em relação à maternidade, é uma fuga de um papel social imposto contra padrões heteronormativos.

De um lado, o futebol funciona com um local de proteção para as mulheres, em relação a situações de preconceito e violência, pois ali, elas se sentem mais seguras em expressar a sexualidade, desejos, afetos e paqueras, ou seja, um ambiente que permite experimentações sexuais e afetivas que extrapolam a lógica heterossexual. Todavia, em alguns contextos, sobretudo no futebol profissional, é comum que as jogadoras enfrentam questões como imagem pública e recomendações, sobretudo em relação a demonstrações públicas de afeto e “masculinização”.

Ao analisar esses artigos, fica evidente que, inicialmente, a presença feminina no futebol esteve ligada às transformações urbanas e à reorganização dos espaços públicos, conforme apontam Silva e Rosa (2020) e Souza Neto, Campos e Silva (2013). A partir daí, as mulheres conquistaram a oportunidade de transcender o ambiente doméstico e explorar novas formas de lazer, como a prática de esportes e jogos. Contudo, essa participação, embora crescente, era frequentemente relegada a um papel secundário, com as mulheres sendo vistas "principalmente como assistentes, ou seja, na posição de espectadoras de encenações teatrais" (Silva; Rosa, 2020, p.115), ou como um "elemento discreto, que dá brilho e orna a festa esportiva" (Souza Neto; Campos; Silva, 2013, p.4).

Apesar da evolução na participação feminina, os artigos de Chan-Vianna e Moura (2017) e Dantas, Anjos e Mendes (2021) revelam que as mulheres ainda enfrentam disparidades sociais e restrições impostas pela sociedade, perpetuando "restrições simbólicas originadas nas tradições masculinas" (Chan-Vianna; Moura, 2017, p.2). Neste sentido, as pesquisas de Figuerôa (2023) e Dantas, Anjos e Mendes (2021) corroboram essa visão, demonstrando a diversidade de formas de lazer e espaços que as mulheres podem ocupar no futebol, mas também a persistente busca por reconhecimento e validação, que perdura até os dias atuais.

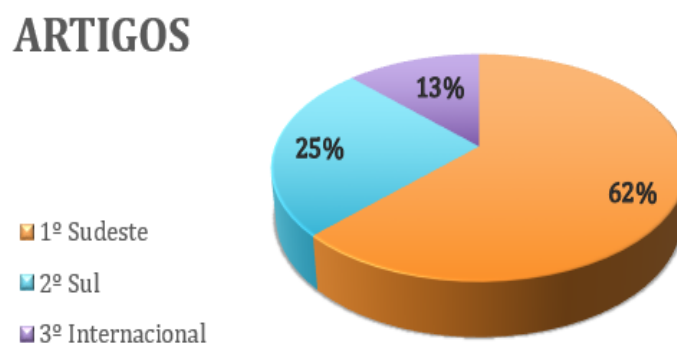
Nesse contexto, embora o futebol possa ser um espaço de contestação da heteronormatividade, como observado por Kessler (2020), as restrições e perseguições relacionadas à expressão da sexualidade feminina ainda persistem. As pesquisas de Chan-Vianna e Moura (2017), Montenegro e Ferreira (2021) e Dantas, Anjos e Mendes (2021) evidenciam que, seja na prática, participação ou torcida, as mulheres frequentemente enfrentam marginalização, negação de suas individualidades e questionamentos sobre sua feminilidade. São pressionadas a se adequar aos padrões de beleza vigentes ou às normas do ambiente em que estão inseridas, perpetuando a expectativa social e midiática de que a imagem feminina deve exibir heterossexualidade, feminilidade e delicadeza, um "ideal de beleza" que limita a livre expressão das mulheres no esporte.

Além desta discussão pautada nas categorias, os artigos também foram analisados sobre outros aspectos, que são: a disposição das publicações por regiões do Brasil; a quantidade de artigos publicados por ano; distribuição da autoria dos artigos em relação ao gênero.

Sendo assim, foi possível observar que estas produções se concentram no eixo sul/sudeste do Brasil, além de uma pesquisa ser oriunda de Portugal. A distribuição regional destes artigos ficou assim: três artigos de Minas Gerais; um de São Paulo; um do Rio de Janeiro; um artigo do Rio Grande do Sul; um do Paraná e um de Portugal.

A seguir, apresenta-se um gráfico com esta distribuição por região.

Gráfico 1: Disposição dos artigos por região



Fonte: Dados da pesquisa

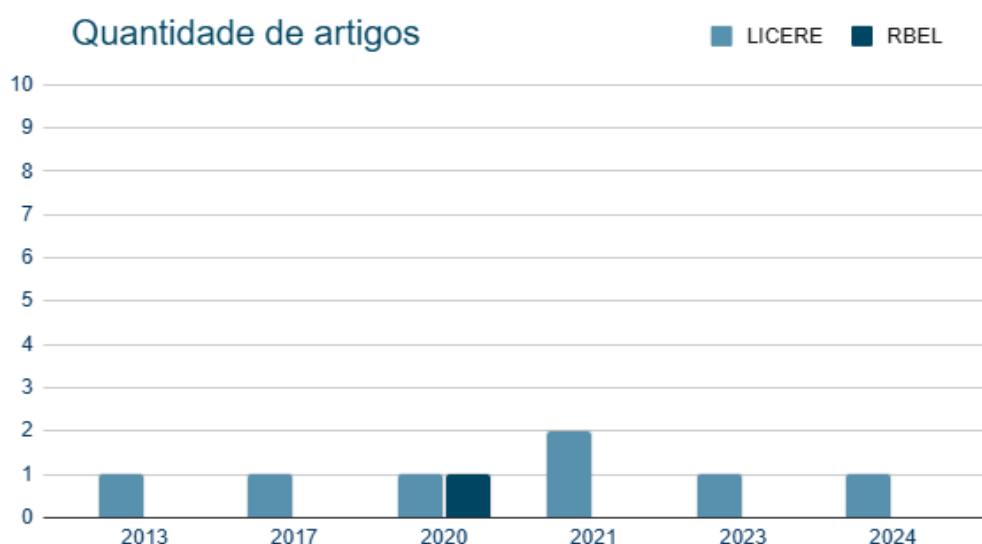
Os dados revelam uma desigualdade no cenário científico, refletindo diretamente no número de publicações. Para atenuar essa disparidade, torna-se imprescindível implementar medidas que incentivem a pesquisa e a publicação de artigos por pesquisadores e pesquisadoras de outras regiões do Brasil. Isso inclui apoio financeiro para projetos de pesquisa, assim como promover a colaboração entre instituições e pesquisadores de diversas regiões, incentivando a criação de redes de pesquisa e programas de intercâmbio entre as universidades.

Além disso, como as revistas estudadas estão inseridas no eixo sul/sudeste do Brasil, e estas regiões abrigam um maior contingente de especialistas na área do lazer, isso parece influenciar diretamente o interesse e a produção de pesquisas sobre o tema.

Esta pesquisa também identificou que 2021 foi o ano com maior incidência de publicações (dois artigos). Contudo, um aspecto a ser considerado é a baixa quantidade de artigos sobre futebol feminino publicados nesses periódicos, sobretudo em função da expansão da modalidade e de sua maior exposição na mídia.¹⁷ Desta forma, sobre a temporalidade dos trabalhos analisados, não foi possível notar uma curva de crescimento, mas sim, uma tendência para publicações espaçadas.

A seguir, apresenta-se um gráfico informativo com o ano das publicações dos artigos analisados.

Gráfico 2: Relação de publicações por ano



Fonte: Dados da pesquisa

Nos últimos anos, o futebol feminino passou por avanços e visibilidade, dentre eles, destacam-se ações institucionais, como a da Federação Internacional de Futebol (FIFA) que, em 2016, definiu, como um de seus pilares estratégicos, o futebol feminino;

¹⁷ É importante reconhecer que diversos fatores podem influenciar o número de publicações, tais como o volume de publicações, o escopo da revista, o público potencial, até a rigidez do processo de revisão, que equilibra qualidade e quantidade. Além disso, a celeridade na publicação, a periodicidade da revista e a relevância social dos temas abordados também exercem influência significativa.

da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), que, em 2019, determinou que os clubes devem ter times de mulheres, do contrário, os times masculinos estão impedidos de participar de campeonatos sul-americanos; em 2019 a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tornou obrigatório a formação de times femininos adultos e de base pelos times que compõe a série A e B do Campeonato Brasileiro de Futebol.

Além dos avanços supracitados, destaca-se a criação de campeonatos, formação de categorias de base e investimentos em premiações. Somada a isso, resultados significativos: como a seleção feminina medalha de bronze na Copa do Mundo dos Estados Unidos em 1999; em 2004, 2008 e 2024 a seleção feminina de futebol conquistou medalha de prata nos jogos olímpicos; a vitória por seis anos consecutivos da seleção brasileira de futsal no Torneio Mundial de Futsal Feminino (2010-2015); o reconhecimento da jogadora Marta como a melhor jogadora do mundo (2006-2011); em 2019, o vice-campeonato da primeira edição da Copa do Mundo Universitário de Futebol Feminino, na China.

Considerando esses fatores, em tese, esperava-se uma quantidade maior de publicações sobre o futebol feminino na perspectiva do lazer, nos periódicos investigados. No entanto, compreende-se que este processo ainda se encontra lento, abrindo possibilidades de investigações científicas que articulem lazer e a participação das mulheres no futebol.

Em relação a distribuição da autoria dos trabalhos, quanto ao gênero, vale ressaltar que a maioria das pesquisas foram feitas por mulheres. Ao todo, são quinze autores responsáveis por essas publicações, sendo nove deles mulheres e seis homens, o que representa um percentual de 60% de autoria feminina, nos artigos encontrados. Esse dado evidencia o protagonismo feminino na produção de estudos sobre o tema,

demonstrando o interesse e a capacidade das pesquisadoras em aprofundar o conhecimento, promover debates e enriquecer os estudos.

Desse modo, a inserção da perspectiva feminina nestas pesquisas é de suma importância por diversas razões, como por exemplo, ter maior facilidade em acessar e interpretar as experiências dentro do futebol de mulheres, desconstruir estereótipos e gerar conhecimento relevante para o desenvolvimento de políticas públicas, promovendo a inclusão e a participação das mulheres no futebol e no lazer.

Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi analisar a produção de conhecimentos sobre a participação das mulheres no futebol no contexto de lazer. Para tal, foram consultadas as produções disponíveis na Revista Licere e na RBEL. O levantamento identificou oito pesquisas existentes sobre o assunto. Por meio desses dados, tornou-se possível aprofundar o entendimento sobre a temática e a importância do futebol como experiência de lazer na vida das mulheres.

Um primeiro ponto a destacar é um desequilíbrio regional, em termos de produção/publicação de pesquisas. Assim, é necessário ressaltar que sete, das oito pesquisas que compuseram o escopo desta investigação, são oriundas do eixo Sul/Sudeste do Brasil, e uma é oriunda de Portugal.

Nos estudos analisados, notou-se maior presença de autoras nas produções, refletindo maior interesse das pesquisadoras sobre a temática em questão. Sobre a temporalidade das publicações, não foi possível identificar uma curva de crescimento nos periódicos analisados, mas sim, uma tendência para publicações espaçadas.

Acredita-se que isto pode abrir espaço para a expansão de pesquisas que articulem o lazer e a participação de mulheres no futebol.

Em relação às temáticas abordadas, os artigos revelaram uma diversidade de temas, como heteronormatividade e lesbofobia; interação social por meio do futebol; mulheres torcedoras de futebol; políticas públicas para o acesso de mulheres aos estádios de futebol. Compreende-se que estas temáticas expõe os “lugares” em que as mulheres podem adentrar (torcedoras, jogadoras, jornalistas), o que é necessário para viabilizar mais discussões e valorizar as individualidades femininas, como forma de enfrentamento ao machismo e a misoginia que ainda alicerça a sociedade que vivemos

A pesquisa mostrou que apesar dos obstáculos, o futebol feminino vem atraindo mais praticantes, ganhando mais investimentos, profissionalização e visibilidade. A Copa do Mundo Feminina de 2023, por exemplo, foi um marco em termos de audiência e reconhecimento. A expectativa é que o esporte continue a se desenvolver, alcançando maior igualdade e reconhecimento no cenário esportivo global. Para isso, é importante o apoio da sociedade civil, setores públicos, clubes e federações.

Por fim, vale ressaltar que esta pesquisa possui limitações. Aqui é apresentado apenas um recorte da discussão sobre a participação das mulheres no futebol, em contexto de lazer. Sendo assim, outros trabalhos, em outros espaços de publicação, podem ser encontrados, e assim, gerar resultados diferentes dos que aqui foram apresentados. Desta forma, aponta-se com sugestão a realização de pesquisas que considerem as interseccionalidades de classe, gênero e etnia no futebol feminino, como forma de elucidar as particularidades de cada experiência de lazer, assim como, pesquisas de maior abrangência, que possam traçar um panorama mais completo do lazer das mulheres.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegrias”**: uma história da torcida Coligay. 2018. 388 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- ARAÚJO, Amarildo da Silva; BRITO, Cristiane Miryam Drumond de. O Futebol Feminino e as Representações dos Estudantes Sobre Gênero e Lazer em uma Instituição Escolar. **Revista Interdisciplinar Sulear**. Minas Gerais - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Ano 2, n. 1, p. 81-90, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: urn manual**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- BONALUME, Cláudia Regina; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Movimentos sociais de mulheres e o direito ao lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 7, n. 3, p. 3-24, 2020.
- BRASIL. **Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos**, de 7 de agosto de 1965. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>. Acesso em: 23 dez. 2020.
- CAVALCANTI, Tássia. Souza; MÉLO, Roberta. Sousa; SANTOS, Anyelle Brito Leite; MOURA, Camila Batista Gama; MOURA, Diego. Luz. Empoderamento, mulheres e práticas corporais: uma revisão sistemática da literatura. **Licere**. v. 21, n. 3, p. 319-344, 2018.
- CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson; MOURA, Diego Luz. Futebol, Mulheres e Interação Social. **Licere**, Belo Horizonte, v. 20, n.4, p. 1- 21, 2017.
- DANTAS, Marina de Mattos. **Cartografias de um campo invisível**: os anônimos jogadores do futebol brasileiro. 2017. 251 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- DANTAS, Marina de Mattos. **Para além das quarto linhas e paredes**: três histórias de mulheres casadas com jogadores de futebol. 2019. 44 f. Relatório de pesquisa (Estágio pós-doutoral em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2019.
- DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos; MENDES, Bárbara Gonçalves. **Torceres**: pensando diferentes possibilidades de pertencimento clubístico. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 477-509, 2021.

FIGUERÔA, Katiuscia Mello. Possibilidades de inserção de discussões sobre o lazer para as mulheres na agenda governamental a partir das punições aos clubes Athletico e Coritiba. **Licere**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 158-187, 2023.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Rio Grande do Sul: Bookman, 2004.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS**. v. 27, e27001, p. 1-14, 2021.

GRAÇA, Gonçalo Brito. Ruturas no lazer feminino em Portugal: o caso do futebol na União Recreativa de Cultura e Desporto de Coima (1981-1990). **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 1-23, 2024.

KESSLER, Cláudia Samuel. “São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 45-62, 2020.

MENDES, Bárbara Gonçalves. **Flávias, Fernandas e Marias, sem chuteiras: a inserção de mulheres em uma Torcida Organizada de Belo Horizonte/MG**. 2015. 178f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MONTENEGRO, Nara Romero; FERREIRA, Maísa. Exposição “Futebol feminino e suas nuances em tempos de copa”: interface entre memória e lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 773-796, 2021.

SILVA, Graziela Souza. **Impedimento: uma análise do Decreto Lei 3.199 Art. 54. de 1941 que proibiu o exercício do futebol feminino à luz da teoria do reconhecimento de Axel Honneth**. 2022. 45f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2022.

SILVA, Igor Maciel; ROSA, Maria Cristina; Da participação de mulheres no futebol em Barbacena/MG nas três primeiras décadas do século XX. **Licere**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 112-140, 2020.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. Das senhoras e senhorinhas nos “grounds” do Sport Bretão: A história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920). **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 1-13, 2013.

Endereço do(a) Autor(a):

Larissa da Silva Mourão

Endereço eletrônico: larissaparrilla@gmail.com

Gustavo Maneschy Montenegro

Endereço eletrônico: gustavo_maneschy@ufpa.br